



REVISTA DE LITERATURA E CULTURA RUSSA

**Rodion Raskólnikov ou Do
pretenso direito ao crime
(Apontamentos / itinerário para
uma leitura de *Crime e Castigo*)**

**Rodion Raskólnikov or
The alleged right to crime
(Notes / itinerary for reading
Crime and Punishment)**

Autor: Gilvan Fogel

Edição: RUS Vol. 12. Nº 18

Data: Abril de 2021

<https://doi.org/10.11606/issn.2317-4765.rus.2021.181792>



Rodion Raskólnikov ou Do pretenso direito ao crime

(Apontamentos / itinerário para uma leitura de *Crime e Castigo*)

Gilvan Fogel*

Resumo: O texto procura alinhar o roteiro de *uma* leitura de *Crime e Castigo*, de Fiódor Dostoiévski. Raskólnikov marca o *tipo* moderno (cartesiano, *iluminista*), a saber, *l'homme révolté*. Revoltado contra a própria vida, a própria existência. Isso por mostrar-se esta como *pouca, pobre, finita*. Este é o fundo *metafísico* que, do ponto de vista moral-religioso ou teológico-cristão, define a noção de *culpa*. Esta compreensão (a saber, *revolta, ingratidão*) perfaz não só “Crime e Castigo”, mas todas as grandes obras de Dostoiévski.

Abstract: This paper seeks to outline a script for a reading Dostoevsky's *Crime and Punishment*. Raskolnikov marks the modern type (Cartesian, Illuminist), namely, *l'homme révolté*. Revolted against life itself, existence itself, since it reveals itself petty, poor, finite. Such is the metaphysical background that, from the moral-religious or theological-Christian point of view, defines the notion of guilt. This understanding (namely, revolt, ingratitude) makes up not only “Crime and Punishment”, but all of Dostoevsky's great works.

Palavras-chave: Crime e Castigo; Modernidade; Revolta

Keywords: Crime and Punishment; Modernity; Revolt

* Professor titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro, membro do Conselho editorial da coleção Pensamento Humano – Editora Vozes. Trabalha com filosofia alemã contemporânea (Nietzsche e Heidegger, principalmente; fenomenologia, de modo geral). Concentra também seu trabalho na articulação/relação entre filosofia e literatura. E-mail: gilvanfogel@gmail.com; <http://lattes.cnpq.br/8914094829938347>

1 ■ A exposição e comentário do artigo de Raskólnikov “Acerca do Crime”, no qual ele defende um *direito* ao crime, está na Parte III, cap. 5 (pág. 979 a 996),¹ principalmente da pág. 986 à 994, com ênfase às páginas 988/9/90. Também na página 1147 (Parte VI, cap. 2), Porfiri Petrovitch, o juiz de instrução, faz um importantíssimo comentário ao texto de Rodion. O tom ou o teor deste ensaio de Rodion é evocado e invocado ao longo da obra, pontuando-a, quer dizer, determinando-a. As partes aqui indicadas, porém, são *chaves* para se entender o personagem, o *tipo* Raskólnikov, como também toda a trama da obra. É tão-só *um* aspecto, mas muito importante e que, aqui, será usado como ponto de partida. A partir deste ponto, com o seu desdobramento e a sua respectiva clarificação, poderemos enveredar pelo plano desde onde ou desde o qual Dostoiévski, de maneira muito mais radical ou *especulativa*, realmente fala: a dor, a necessidade e a transcendência da dor e a rebeldia da vontade, isto é, “l’homme révolté”.

Mas vamos a este *um* lado.

2. Segundo o ensaio, o mundo, a sociedade, divide-se entre os tipos ordinários e os extraordinários. Os ordinários (comuns, vulgares) precisam obedecer – obedecer às leis. Na verdade, por obediência está subentendido subjugação, isto é, submissão servil ou subserviência. Os extraordinários, que são os fundadores de humanidade, como Licurgo, Sólon, Napoleão, Colombo, Newton – enfim, estes têm o direito de infringir a lei, o direito de transgredir, sempre que um obstáculo se interpuser. Observe-se em parênteses que Licurgo, Sólon, etc., são exemplos pinaculares, realmente exemplares (!), mas

¹ Cf. Dostoiévski, F. *Crime e Castigo*, em Obra Completa, Companhia Aguilar Editora, Rio de Janeiro, 1963, Vol. II. Todas as referências e as respectivas paginações serão feitas segundo esta edição.

há graus, níveis de extraordinários. Seria preciso uma espécie de *tabela*, de escala a ser estabelecida de acordo com a natureza, isto é, de acordo com a consciência, a matemática, a ciência, de modo geral, pois é esta que, ali, define ou decide o que é a natureza, sobretudo a *natureza humana*. Mas, enfim, os extraordinários podem saltar por sobre o obstáculo e farão isso sem remorso, sem reprovação moral. Os obstáculos, na verdade, são os impedimentos, o cerceamento da vontade ou de um interesse pessoal, no fundo, a obstrução dos caprichos do sujeito ou da pessoa, do indivíduo em questão.

Isso, *grosso modo*, é a tese, quer dizer, o seu enunciado.

3. Primeiramente, há que entender-se como é subentendido ou subpensado este tipo extraordinário. É, segundo Rodion, um transgressor da natureza, das leis. O que é lei, o que é natureza, o que é e como transgredir? Para Rodion, para a opinião dominante no tempo, na época, e Dostoiévski quer acentuar isso, natureza é o que está definido na ciência, o que está antecipado e assegurado no conceito, conceito ou ciência estes que estão encarnados no número, no *cálculo* – tudo isso é, para o personagem, a lógica, a consciência. Diferentemente disso, será considerada também a natureza *viva* – melhor, a *alma viva*. Dessa natureza falará, p. ex., o amigo de Rodion, Razumíkhin. Lei, no sentido acima enunciado, é o que é prescrito e determinado por aquela estrutura, aquela necessidade lógico-matemática ou “natural”.

Por um lado, poder-se-ia considerar e perguntar se o gênio, o que é pensado e denominado tipo extraordinário, tal como Licurgo, Sólon, Newton, etc., os fundadores de humanidade, não irão, antes, ao encontro da natureza (a viva! – mas o que é este vivo?!...) e não contra ela, ao encontro da *lei* e não contra a *lei*. Se assim for, eles irão ao encontro do necessário. O que eles transgridem é um esclerosamento, uma sedimentação da realidade, cristalizada e acomodada na “lei”, isto é, no preceito ou na prescrição já esvaziados do seu direito original. Melhor, cristalizado na natureza definida e estereotipada no número, na ciência objetivadora ou na objetivação científica, que se

enuncia e se pronuncia como “lei”. Pois bem, isso seria transgredido, violado.

Para Rodion, o princípio, o fundamento, é a vontade (individual), é a consciência autônoma, que, no olhar de Dostoiévski, já é rebelada – o tipo revoltado ou “*l’homme révolté*” –, e é esta que quer, que se quer e que fica ferida e magoada quando se vê cerceada no seu capricho, na sua autodeterminação.

Por exemplo, para Rodion, Newton poderia eliminar quem se opusesse, até porque, segundo ele e para o “socialismo” do tempo, isso seria em favor da maioria, para o bem da humanidade, portanto, para a coletividade que, na verdade, é a sociedade planejada ou planificada “na retorta da consciência, das cabeças matemáticas”. Mas aí está (ou estaria) a megalomania, a bazófia ou a rebeldia de Raskólnikov, pois Newton, na verdade, não *quer* e não *precisa* disso... É que a “coisa”, p. ex., a teoria newtoniana, se impõe por si, graças a ela própria e até a *despeito* de Newton...

4. O que há em Rodion (sempre de maneira inexplícita, pois é assim que a coisa atua na vida, na vida cotidiana, *pública*, política ou socialmente), no “tipo” do século dezenove, é uma apologia da ciência, uma fé ou uma crença na consciência, no progresso científico (lembramos, por exemplo, em *Madame Bovary*, o deslumbramento de M. Homais com a chegada do progresso, i. é, da ciência, à província), uma apologia da *natureza científica*, de modo geral. Isso caracteriza o europeísmo, o progressismo, o *iluminismo* dos “ocidentalistas” russos. O “eslavófilo” Dostoiévski se põe alerta, melhor, se faz intransigente, crítico mordaz, satírico. Socialismo vira sinônimo de cientificismo, de progressismo, de otimismo da consciência (da *razão*) e superestimação da inteligência. Este socialismo propõe-se reformar a vida, a sociedade, racionalmente, cientificamente. Reformar, corrigir e, enfim, substituir (consideremos, hoje, a cibernética!). A “tese” socialista, anunciada na obra pelo amigo de Rodion, Razumíkhin, diz: “O crime é um protesto contra a anormalidade (i.é, a *não-naturalidade*, e daí a injustiça) do regime social. É isso a causa do crime. Todos os

crimes se devem a ambientes deletérios”.² Razumíkhin anuncia isso, mas não o professa, ao contrário dessa natureza planificada (antecipada e assegurada), é ele quem fala da “alma viva”, da “alma viva da vida”. Ele diz: “Quanto à natureza, não a tomam em consideração, puseram-na no olho da rua, não toleram a natureza. Para eles (os *socialistas*) não é a natureza que, desenvolvendo-se de um modo histórico, *vivo*, até o fim, acabará por transformar-se ela própria numa sociedade normal, mas, pelo contrário, será o sistema social que, brotando de alguma cabeça matemática, procederá em seguida a estruturar toda a humanidade e num abrir e fechar de olhos a tornará justa e inocente, mais depressa do que qualquer processo vivo, sem seguir nenhum caminho histórico e natural. Por isso, eles sentem, instintivamente, aversão pela história: nela só se encontra monstruosidade e estupidez; deitam todas as culpas para cima da estupidez. E por isso também não amam o processo *vital* da vida; não querem nada com a *alma viva*. A alma viva da vida tem exigências; a alma viva não obedece mecanicamente; a alma viva é suspicaz; a alma viva é retrógrada...” (Parte III, cap. 5).³ É, portanto, falado do sistema social que, “brotando de uma cabeça matemática, procederá, em seguida, a estruturar ou organizar toda a sociedade e assim a tornará justa e inocente” – “deitam toda a culpa para cima da estupidez”. Porfiri, o agudo, o *terrível* juiz de instrução, no fundo, defende isso. Razumíkhin, objetando, pergunta a ele sarcástica e ironicamente: “Um quarentão desonra uma menina de dez anos – foi o meio que o induziu a isso?!”⁴ A isso ele chama também “com a lógica, saltar por cima da natureza!” – aqui, seria da “natureza viva”!. É neste contexto que é escarnecido Fourier e suas comunidades de produção (com no máximo mil e oitocentos trabalhadores), os falanstérios.

Nesse contexto, na predominância deste “espírito” de superestimação da inteligência, do intelecto, morre o *Espírito*, o *coração*, isto é, para Dostoiévski, o Cristo, que é doçura no não

2 Idem, vol. II. pág. 986.

3 Idem, p. 986.

4 Idem, pág. 987.

saber... Isso é a “natureza viva”, a “alma viva da vida”, numa contumaz redundância, com o propósito de dar ênfase. Cabe, no entanto, caracterizar, descrever isso.

5. Raskólnikov é doente. Essa atitude, a saber, esse projeto ou programa de reforma da vida e da natureza, parece ser propriamente a *doença*, melhor, a *manifestação* da doença de Rodion. Disso ele precisa se libertar, isso ele precisa superar – melhor, *purgar*. Purificar-se. Uma catarse. Seu percurso de purgação, de catarse, é o tempo de sua *expição*, seu *calvário*, e que, na obra (“Culpa e Expição”, “Schuld und Sühne”, diz a tradução alemã), é acentuado com o sentido da ressurreição de Lázaro (ressurreição *nesta vida, para esta vida*), cuja comovedora leitura Rodion faz com Sônia (Parte IV, cap. 4).⁵ Nesse percurso, nesse tempo, há fé. O percurso é obra de fé, fé na ressurreição – *nesta vida, para esta vida!* É uma espécie de fé no milagre, ou seja, fé no sem porquê, no sem para quê. Portanto, na gratuidade. Fé naquilo que acontece ou *pode* acontecer *mesmo sem razão nenhuma* para acontecer. Isso se dá *sem razão*, ou seja, sem fundamento, *sem direito*. A espera do milagre se dá quando não mais se pode esperar nada da razão, do cálculo, da previsibilidade e da antecipação. Portanto, quando não se tem mais nenhuma segurança (certeza). Fica-se então à mercê do não saber, do não poder.

Os comentários do juiz de instrução, Porfiri Pietrovitch, são decisivos para se ver o que subjaz à “experiência”, melhor, ao “experimento” de Raskólnikov. Aqui aclara-se mais o que pode ou deve ser a verdadeira *doença* dele – febres, convulsões, espasmos, vertigens, palidez, delírios, alucinações, calafrios, tremores, etc., etc., são acenos, indicações, manifestações, enfim, *sintomas*. Destes comentários vê-se, entrevê-se o fundo de insurreição, de rebeldia, que vai fazer de Rodion *l’homme révolté*. O homem do ímpeto, do titanismo juvenil. Mas Porfiri diz: “...lembrei-me do seu artigo... Foi concebido em noites de insônia e de desespero, com palpitação e baques do coração, com um entusiasmo reprimido. Como é perigoso este entusiasmo

⁵ Idem, p. 1034 e seg.

reprimido, orgulhoso, na juventude! [...] há no seu artigo orgulho juvenil indomável, respira-se ali a ousadia do desespero; é sombrio...” (Parte VI, cap. 2).⁶ E Porfiri diz que, daí, é preciso inferir-se: “Um homem destes não se contenta com isto!”⁷

6. Isso, a saber, jovem e orgulhoso, Rodion *já* é, pois ele é moderno, cartesiano, o tipo da consciência exacerbada – Dostoiévski *quer* evidenciar isso. O direito de se vingar (corrigir, reformar, substituir a natureza) é um salto, que o moderno (Descartes, o *cartesianismo*) já deu. O salto para a autonomia (=substancialidade) da consciência. Aí está a *hybris*, a sua desesperada, sua senilizada juventude. Sua lascívia. A licenciosidade no velho. Pense-se, p. ex., em Svidrigáilov. O desejo incontido e *fora de hora*, que dá a cobiça, a volúpia e a sensualidade animal de Svidrigáilov. Sem nenhuma esperança, sem entrever nada de transcendente e de sagrado, ele se mata, estoura os miolos, e assim... *parte para a América*. A América é a terra que não é nenhuma Terra, é o lugar que não é nenhum *lugar* – é o completo desterramento, o total desenraizamento. Rodion, porém, vê, entrevê Sônia, e isso o redime. Sônia, isto é, *o pobre, o pouco sem vergonha* (sem *culpa*, enquanto má consciência). Sim, ele entrevê, ele desconfia – é sua fé no extraordinário, no milagre. Fé na ressurreição de Lázaro. Durante todo o tempo, Rodion, tal como o personagem das anotações do “porão” (o subsolo), tem uma incontida vergonha (culpa, má consciência) de ser pobre. *E por isso* cai na volúpia e na nostalgia da lama, do sujo, do vil... Autoflagelação e forra...

7. Dissemos ser Raskólnikov o tipo rebelado. “Tipo” diz forma, estrutura, *essência – gênese*. Raskólnikov, como muitos outros personagens de Dostoiévski, em outras obras, é o modelo, a estrutura, a forma do homem moderno, caracterizado na sua essência como rebelado. A modernidade, sobretudo a modernidade cartesiana, *científica*, é rebelião. Sim, tempo e história (suceder, acontecer, devir) de *l’homme révolté*.

⁶ Idem, p. 1147.

⁷ Ibidem.

Revolta?! Contra quê ou quem? Por quê?

Inicialmente, de modo geral, Raskólnikov é rebelado contra a vida, contra a existência. Vida, existência, diz *dor*. Portanto, a revolta é contra a dor. Dor?! Que dor? Como? Dor de dentes?! A dor da martelada no dedo?! O parto? A passagem do cálculo pela uretra?! Sim, também tudo isso, mas mais do que imediatamente tudo isso, está em questão com esta designação o *fundo* de tudo isso, a saber, a dor que dói em todas essas dores, em todos esses *doeres*. E que dor é esta? Nenhuma palpável, mensurável, nenhuma para pôr no laboratório sob a lâmina do microscópio. Nenhuma transmitida por neurônios e sinapses. Trata-se do *sentimento*, da *evidência* do *pouco*, do *fraco*, do *pobre*, isto é, o sentimento e mesmo a evidência da vida, da existência como o domínio do *limite*, o âmbito do *finito*, da *finitude* (este será um sentido de *culpa*, *débito*, "*Schuld*"). "Sentimento" ou "evidência", tal como aqui usamos, quer dizer: ser irremediavelmente nisso, ser intransferivelmente assim (i. é, no e como limite, no e como finito/finitude) e dar-se conta disso de modo que se é ou se está neste *sentido*, nesta *determinação*, ou seja, nesta experiência (*viagem* ou *história*), enfim, ser ou estar no devir deste modo de ser.

O finito, o limite, então a dor, pois imposição da necessidade de esforço, de ação – enfim, de *trabalho*. Sim, "vais comer o pão com o suor da tua frente", dita transcendência na *hora* do viver, na irrupção do existir. O homem é o único ente que precisa fazer, precisa *conquistar* ou realizar o seu ser, que é *coisa* nenhuma, mas tão-só um *modo de ser*, que é *poder ser*, *possibilidade* (aí e assim *finitude*, *culpa*). Precisar ser e precisar fazer o *poder ser* que é – este é o destino de dor (de realização, de esforço, de *trabalho*, que, aqui, não é "tripalium") do homem. Vida é, *precisa ser*, *só pode ser*, *dor* (*finitude*, *limite*) *transfigurada na ação, como ação*.

No imperativo do finito, o homem está no risco, na possibilidade também do in-finito, do i-limitado. O infinito, o ilimitado, não é o primeiro, o imediato, mas tardio, posterior, modificador e *negador* da irrevogabilidade do finito, do limitado, que é o súbito, o i-mediato. Isso, essa negação, essa reação ou *revolta*,

sim, mostra-se para ele como possibilidade. E, então, ele pode até querer ou pretender ser o que ele, por princípio ou constituição, não *pode* ser e, portanto, não tem o *direito* de reivindicar (de querer) ser. Por exemplo, ilimitado, infinito, onipotente, pleno, acabado (*Deus*, como Kirílov, em *Os Demônios*), sem *esforço*. Ele pode querer (quer dizer, pretender abrir ou inaugurar um movimento a partir de si mesmo, espontâneo, visando algo, uma meta, um fim – isso, para ele, é, *grosso modo*, vontade!) reformar, corrigir a realidade, melhor, a vida, a existência, a “natureza”. O “a partir de si” seria o modo como ele se tomaria excelentemente, a saber, como *razão*, como *consciência clara e distinta*, enfim, como *lógica*. Investido disso (e aqui está o *salto* cartesiano, o novo do novo modo de ser, a saber, o moderno), autoinvestido disso, ele passa a querer o que evidentemente *ultrapassa o seu poder*. Então vive na e desde a presunção, a arrogância, o *orgulho*. O crime de *hybris*, que na tradição cristã aparece como pecado de orgulho ou de presunção, é, também para Dostoiévski, o maior crime, o maior *pecado*. Aqui se pode, se deve, fazer coro com Heráclito: *Mais do que o incêndio, é a hybris que precisa ser apagada*.

Essa *hybris*, que pode e precisa ser mostrada em sua instauração por diversos caminhos (mostrar, de algum modo, a gênese da história europeia, sobretudo a moderna, a cartesiana), é a *verdadeira doença* de Rodion. Ímpeto (juvenil), titanismo, faustianismo, são outros nomes para dizer essa revolta arrogante, presunçosa, que é a *causa*, a verdadeira causa de toda a *estória* de Raskólnikov (e a *história* moderna) – seu *encantamento vesgo* por Colombo, Napoleão...

8. Toda a obra – e isso será a *redenção* de Raskólnikov – é para falar da necessidade de assumir a dor, de tomar sobre si a dor, isto é, a vida finita, a existência pobre, *fraca*, pouca. Isso, em estranha intuição, fala o próprio Rodion a Sônia, quando juntos leem a ressurreição de Lázaro (Parte IV, cap. 4⁸ – “... ajoelha-se diante de toda a dor humana”⁹ e fala: “... romper com tudo e su-

8 Idem, p.1034.

9 Idem, p. 1041.

portar toda a dor".¹⁰ É interessante que, na parte mencionada, é ele quem diz isso. Mais adiante, após sua confissão a Sônia, revelando ser ele o criminoso (o assassino da velha usurária e de sua irmã), é ela quem dirá, mais ou menos isso, para ele, ao falar-lhe: "Tome toda a tua dor sobre ti e expie a tua culpa" (Parte V, cap. 4).¹¹ Expie tua *revolta*, isto é, sub-lê-se: cumpra tua finitude, tua dor (=existência, vida) *inocentemente, com e desde bom humor* (isso se dará plenamente se a vida se cumprir como exercício de transfiguração da dor – a alegria da e na criação). Mais adiante ainda, na parte VI, cap. 2, no espantoso diálogo que ele tem com Porfiri Pietrovitch, o juiz de instrução, quando este *deduz* ser ele o criminoso, é Porfiri que fala, após sugerir-lhe entregar-se às autoridades: "...O sofrimento é também uma boa coisa. Sofra...¹² Aceitar o sofrimento... A dor é, de fato, uma grande coisa... Há um sentido na dor".¹³ "Sofrer" é, sim, *expiar*, no sentido de *cumprir* (e não num possível sentido de morbidez masoquista ou de perversão sadomasoquista) – cumprir assumindo, isto é, tomando sobre si sua dor, quer dizer, sua vida finita, sua existência pouca ou pobre (=sua necessidade) – ou seja, o modo de ser que é *ser um precisar fazer* (ação, atividade). Na verdade, é preciso ler-se assim essa fala de Porfiri: há um sentido em *assumir, aceitar, tomar sobre si a dor*, a dor que é a vida, a existência. Dor aqui é pois a Dor-Homem. Tomar sobre si é não se rebelar, não se insurgir, querendo desfazer-se dela, jogá-la fora ou livrar-se dela – seja num *além*, seja num *além*. Na verdade, o sentido da dor é o revelar-se de sua necessidade, de sua irrevogabilidade e isso sem nenhuma necessidade *fora* dela própria, sem nenhum porquê, sem nenhuma razão de ser, portanto, *o sentido da dor é o seu nenhum sentido*, o seu sem nenhum porquê ou para quê, a sua pura gratuidade (este é, em Dostoiévski, o sentido do Cristo – *burrice, estultícia*, enfim, *o idiota!*). Dá-se, faz-se aqui a força da fraqueza, já que não se deseja, não se aspira ou não

10 Idem, p. 1047.

11 Idem, p. 1122.

12 Idem, p. 1154.

13 Idem, p. 1156.

se quer mais do que se pode e se é. Só disso se tem o direito. O sentido da assunção da dor é o limite (finitude, pobreza), que se revela como o único lugar possível (e então necessário) e a única hora possível (e então necessária) da vida, da existência – que se cumprirá, que poderá se cumprir como a alegria da transfiguração da dor, de dor, enfim, a criação, obra.

É extraordinário quando, no último capítulo, ao ir para o comissariado entregar-se, ele faz o que Sônia lhe prescrevera ou lhe dissera ser necessário: “Prostre-se sobre a terra, beije-a, e diga para todos os lados que você a maculou!”. A Caminho, ele *desaba* sobre a terra e é dito: “Tudo se enterneceu. Tudo que nele era convulsão e espasmo, *de repente*, fez-se tenro e doce...”. E, no epílogo, ao repetir este gesto em prostrando-se aos pés de Sônia, será dito: “Em lugar da dialética entrou a vida” (aqui a “virada”, a “metanoia”). A descrição, a caminho do comissariado, é extraordinária. São forças que, *de repente*, se apoderam dele.

...operou-se *de repente* nele um movimento, apoderou-se dele *subitamente* uma sensação que o invadiu todo, no corpo e na alma. *De repente*, lembrou-se das palavras de Sônia: *vai ter a uma encruzilhada... beija a terra...* Todo ele tremia ao recordar isto. E a tal ponto se apoderou dele o sofrimento sem desabafo... que se rendeu a toda aquela sensação, nova, plena. Uma espécie de ataque o acometeu *de repente*; acendeu-se na sua alma uma centelha e, *subitamente*, como um fogo, envolveu-o todo. *De repente*, tudo se enterneceu nele e as lágrimas saltaram-lhe. Estava de pé, e assim, tal como estava, tombou sobre a terra... (Parte VI, cap. 8).¹⁴

De repente, subitamente – isso é escandido e enfatizado pela repetição exaustiva. E isto quer dizer: *num salto, imediatamente* – *abissalmente*. Sem nenhuma razão para ser ou não ser ele é acometido (afeto, *páthos, experiência*) ou tomado por este *novo (velhíssimo!)* acontecimento. Mais uma vez, a “metanoia” – “metanoiete”, “convertei-vos”, “arrependei-vos” – *virai!*¹⁵ Nessa mesma sequência é observado: “A simples vida

¹⁴ Idem, p. 1208.

¹⁵ Cf. Gasset, Ortega y, *En Torno a Galileo, Lección IX*, Revista de Occidente, Madri, 1956, p. 167/8, referência à palavra (*metanoia, entropé*) de João Batista, Jesus e São Paulo. Cf. também S. Paulo, *Carta aos Coríntios*, I, 6-5, 15-24, significado da palavra “entropé”.

nunca lhe bastara; ele sempre quisera mais!". Neste "mais" está sua revolta, sua *hybris* – o que pontuou sua vida. No epílogo, ele vai prostrar-se aos pés de Sônia e, enfim, será *re-tomado*, sim, *re-tomado* por origem, que, agora, passa a definir, ritmar ou cadenciar a vida. Sem ânsia, sem cobiça, contemplando a correnteza, que jaz... Aqui se dá, acontece realmente a redenção, a ressurreição ou o renascimento de um homem, sim, do homem moderno, o da exacerbação da consciência, o cartesiano – *l'homme révolté*, o *bípede ingrato*. No início, ao narrar um sonho (na verdade, o sonho, do qual a obra, *Crime e Castigo*, é o tempo) de infância, ele beija o burro espancado por Mikolka...¹⁶ Raskólnikov, já dissemos, tal como o personagem de "Anotações de um porão" (*Memórias do subsolo*), sucumbe sob a vergonha de sua *constitutiva* pobreza. Assumir a dor quer dizer: *ser pobre sem vergonha*. É o que a obra diz ser preciso acontecer. É ser homem *sem vergonha* (sem má consciência, *inocentemente*, *limpamente*). Também sem inveja, isto é, sem querer ser pedra, brócolis, vagalume ou Deus. Ainda sem nostalgia, sem anseio ou cobiça – *ser anjo, d(D)eus, espírito puro...* *Somente assentado no que é: homem*. À medida que não realiza isso, o homem permanece "o bípede ingrato" – ou *l'homme révolté*, que é o pueril, bobo... *Jovem demais. Tarde demais fez-se, tornou-se jovem demais*. Descompassado na vida, da vida.

9. Por fim, ouçamos esta fala do *Zaratustra*, de Friedrich Nietzsche: "As palavras mais mansas, mais silenciosas, são as que trazem a tempestade. Pensamentos, que vem com passos, com pés de pombo, dirigem o mundo... Tu precisas ainda tornar-te criança e sem vergonha. O orgulho da juventude ainda está sobre ti; tarde te tornaste jovem, mas aquele que quer tornar-se criança – este precisa, ainda, também superar em si sua própria juventude".

Ainda, Harada, H., *Coisas, velhas e novas*, p. 166 (metanoia, e-verter, con-verter) e p. 372 ("... converter-se, renascer, i.e, ser, sentir, pensar inteiramente, totalmente diferente: fazer a *metanoia*, a mudança de mente"). Ver *Ressurreição de Lázaro*, J. 11, 1-44, sobretudo no contexto da comovente leitura de Sônia com Rodion, op. cit., IV parte, cap. IV, pp. 1034 a 1048, especial pp. 1044/5/6.

16 Parte I, cap. 5, p. 823.

Referências bibliográficas

DOSTOIEVSKI, Fiódor. *Crime e Castigo*, em *Obra Completa*, Companhia Aguilar Editora, Rio de Janeiro, 1963, Vol. II.

GASSET, José Ortega y. *En Torno a Galileo*, Lección IX, *Revista de Occidente*, Madri, 1956, p. 167/8.

Recebido em: 10/02/2021

Aceito em: 07/04/2021

Publicado em abril de 2021